



Zélia já crê no avanço da negociação sobre estoque da dívida, após o acordo sobre os atrasados

Zélia explica inflação ao FMI

Nagoya (Japão) — O governo Collor abandonou a idéia de reduzir rapidamente a inflação e pretende convencer o Fundo Monetário Internacional (FMI) que as peculiaridades do processo inflacionário brasileiro demandam paciência e tratamento próprio e diferenciado. "Acho que vai ser uma discussão demorada", disse a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, na noite de domingo, em Nagoya, onde participou da reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

A consequência — a própria ministra admite —, é que levará algum tempo até que o Brasil chegue a um acordo com o Fundo, e avance no processo de normalização de suas relações com os credores internacionais. Isso condiciona a negociação (da dívida oficial) com o Clube de Paris e condiciona uma sé-

rie de coisas, disse Zélia.

A nova ênfase representa o reconhecimento do fracasso da estratégia que o governo escolheu no último ano para estabilizar a economia e abre uma nova frente potencial de problemas com os credores externos no momento em que o Brasil prepara-se para anunciar, em Nova Iorque, o acordo sobre juros atrasados com os bancos comerciais.

O sonho de reduzir a inflação aos níveis do primeiro mundo, que o presidente Collor anunciou ao País ao tomar posse, parece ter sido substituído, no governo pela pragmática convicção de que, apesar da correção das políticas adotadas, o Brasil não está preparado para a estabilidade econômica. "Nós, brasileiros, temos um problema básico e grande que é o se-

guinte: os padrões europeus, japoneses e americanos, em termos de inflação, são padrões inexecutáveis a curto prazo para uma economia como a brasileira, que vem de muitos anos de fechamento, de ineficiência, de indexação, de problemas estruturais profundos", admitiu Zélia.

Segundo a ministra da Economia, a provável demora nas negociações com o FMI não deve impedir o governo de avançar nas negociações sobre o estoque da dívida, que vão começar após o anúncio do acordo sobre os atrasados feito ontem. Embora não haja nenhum entendimento institucional para isso, é mais do que provável que vários bancos, sobretudo os japoneses e os alemães, insistam no acordo com o FMI como pré-condição para reestruturar a dívida. (Paulo Sotero, da AE)